

Trópico de Saturno

Débora Racy Soares ¹

Para os que têm razões melancólicas, não percam a leitura de *Saturno nos Trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil* (São Paulo, Companhia das Letras, 2003) de Moacyr Scliar. Neste livro o autor relata a trajetória do sentimento melancólico até seu aporte, em naus européias, ao Novo Mundo. Para navegar em águas brasileiras, Scliar constrói um amplo painel histórico que, além de servir de bússola, sinaliza que as conjunturas sombrias propiciariam o nascimento da melancolia. Como era de se esperar, a modernidade, já nasce melancólica. O livro é dividido em dois capítulos, “O renascimento da melancolia” e “A melancolia chega ao trópico”.

No primeiro capítulo, Scliar mostra que a melancolia já havia sido diagnosticada entre os gregos. No entanto, é somente em 1621, com a publicação do livro de Robert Burton, *The Anatomy of Melancholy*, que este assunto volta à cena, agora inglesa. O tema da melancolia ressurge, portanto, em uma Europa que vivenciava grandes progressos científicos. Newton lançava os fundamentos da física moderna enquanto Copérnico descrevia o sistema heliocêntrico; Vesálio, na anatomia e Harvey, com seu sistema circulatório, descobriam novos veios no campo fisiológico. Era uma época, como diz Scliar, de “verdadeira bipolaridade emocional que se traduz(ia) em incerteza quanto ao futuro” (p.16). É interessante observar como o autor trabalha o tema da melancolia em contraponto com as doenças que devastavam a Europa. Scliar mobiliza seus conhecimentos de médico sanitário para introduzir, de maneira bem didática, a dinâmica da contaminação e da transmissão de endemias como a peste Negra ou bubônica e a sífilis. Ambas, associadas de certa forma aos progressos científicos, não deixam de ser sintomas de uma modernidade que já preanunciava o que Weber viria a denominar “desencantamento do mundo” (*die Entzauberung der Welt*).

A peste bubônica, que é transmitida através de pulgas de roedores, teve sua origem associada a uma determinada conjunção de planetas, dentre os quais Saturno se destacava. Já a sífilis estava associada à “emergência do individualismo” que se manifestava como “ânsia de gozar a vida, que se revelava tão precária em uma época de epidemias” (p.29). Com o desenvolvimento *pari passu* da astronomia e da astrologia, da quimiatria e da alquimia, era comum associar doenças e astros, curas e elementos químicos. Assim, acreditava-se que os

¹ Aluna de doutorado do programa de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

pestilentos estavam sob o domínio de Saturno e poderiam ter seus sintomas minimizados com a administração de “remédios como arsênico, mercúrio ou sapos secos” (p.25). Com a morte à espreita, o suicídio e a melancolia eram *topoi* recorrentes na arte renascentista. Um olhar atento à iconografia do período pode ser ilustrativo nesse sentido, basta lembrar que a típica imagem melancólica consiste num cavaleiro de triste figura com o queixo apoiado na mão esquerda. A *Melancholia I* (1514) de Albrecht Dürer não deixa de ser um exemplo clássico que mobilizaria a atenção de Walter Benjamin em seu trabalho sobre o drama barroco alemão.

Sobre o título da obra de Burton, *The Anatomy of Melancholy*, Scliar esclarece que ele sinaliza a importância galgada pelos estudos anatômicos no início da modernidade. A Reforma que estava em curso na Europa, autorizava os protestantes a dissecar cadáveres para estudo; quanto aos católicos, em função da sacralidade do *corpus christi* que emanava os demais corpos, vivos ou mortos, acreditavam (como Galeno) que o conhecimento anatômico poderia prescindir da dissecação. Além do mais, a anatomia supõe a divisão do corpo, analogamente correspondente à divisão do livro em três volumes ou partes.

Inglês, nascido em Leicestershire (1577-1640), Burton se propõe a discutir a melancolia como doença, a maneira de Aristóteles, Hipócrates e Constantinus. No entanto, ele prefere apostar em um diagnóstico aberto ao ser conclusivo sobre o assunto. Em sua opinião, todos poderiam ser suscetíveis a estados melancólicos. Depois de constatada esta predisposição universal, Burton prescreve formas de afastar a melancolia. Ancorado na escola de Hipócrates, Burton acreditava que a melancolia decorria do excesso de bile negra, um dos quatro humores corporais. É interessante observar, com Scliar, que Burton escrevia em época oportuna. Londres, nas primeiras décadas de 1600, era assaltada por *men in black*, jovens intelectuais e taciturnos, no mais das vezes aristocratas, conhecidos como *The Malcontent*. Desejosos de se livrar da também chamada “English malady”, esses jovens melancólicos costumavam viajar para a Itália, em busca de luminosidade. Embora a melancolia possa apresentar-se como depressão, Scliar adverte sobre as diferenças entre ambas. Já Burton acredita que, além de ser uma doença, a melancolia era uma “experiência existencial”, marcada por uma “tristeza duradoura” (p.58). A ideia do que seja a melancolia passará por transformações ao longo dos séculos. É o que Scliar procura demonstrar ao reconstruir sua “pequena história da melancolia” que toma a Bíblia, mais precisamente o Antigo Testamento, como ponto de partida. Estamos entre os anos de 950 e 850 a.C. e diante de Saul que, como transgressor, teria sido acometido pela culpa que atrairia o “mau espírito”, isto é, algo parecido com a melancolia (p.66).

Na Grécia do século V a.C. vigorava a idéia de que a boa saúde resultava não só de crença, mas também de determinados procedimentos específicos. A deusa Panacéia que podia curar todas as doenças era invocada nos rituais, apesar de contar com o apoio de plantas e métodos naturais de cura. Hipócrates de Cós (460-377 a.C.) abre caminho para uma concepção menos mágico-religiosa e mais racional da arte de curar, ao valorizar suas observações empíricas e registrá-las em seu *Corpus hipocraticus*. Embora os médicos hipocráticos fossem bons observadores, tinham dificuldades em entender os mecanismos causadores de doenças, devido ao pouco conhecimento disponível naquela época sobre o corpo humano. Para Hipócrates e seus seguidores, os distúrbios mentais eram explicados a partir do desequilíbrio entre os quatro humores constituintes do corpo: o sangue, a linfa, a bile amarela e a bile negra. Esses humores, por sua vez, correspondiam a quatro temperamentos ou *krases*, a saber, o sangüíneo, o fleumático, o colérico e o melancólico. A bile negra seria acumulada no baço (*spleen*) o que remeteria a certos poetas românticos cultivadores de *spleen and cigars*. Para Hipócrates, a melancolia era o temperamento mais patológico dos quatro. Seus sintomas seriam a misantropia e o desejo de evasão através da morte. Acreditava-se que o excesso de bile poderia agir sobre a mente e criar pessoas dotadas de gênio. O médico romano Aulus Cornelius Celsus (25 a.C.- 50 d.C.), por exemplo, recomendava a fototerapia, o que na época significava banhos de sol, para minimizar o *spleen*. Como Aristóteles, Rufus de Éfeso (98-117) distinguia a melancolia congênita da adquirida pela (má) dieta. De qualquer forma, acreditava-se que a sangria, a purga, a dieta e o vinho poderiam tratar a melancolia. Como supunham que a bile negra era constituída pelas partes impuras da digestão, ela poderia provocar a melancolia de duas formas: ou por seu excesso no sangue ou por sua má absorção pelo baço. Nesse caso, este humor emanaria um “vapor negro” resultante de sua adustão e seria capaz de causar melancolia. A melancolia resultante da adustão poderia ser “quente, furiosa”, alterando-se com a de tipo fria e seca (p.72). Por essa razão, creditava-se à dieta a responsabilidade pelo estado melancólico, pois se os alimentos quentes e úmidos podiam combatê-lo, os frios e secos favoreciam seu aparecimento. A carne de coelho, por exemplo, poderia induzir à melancolia, já que este animal era considerado tímido e medroso. Por outro lado, pelo fato da bile negra ser mal cheirosa, acreditava-se que o uso de substâncias aromatizantes, como o limão, poderia minimizar os sintomas melancólicos. Posteriormente, com as grandes navegações, o *sacharon* seria difundido e deveria adoçar o cardápio dos melancólicos. Certos tipos físicos e disposições emocionais também estavam associados aos melancólicos que seriam caracteristicamente inativos, magros, pálidos, lentos, silenciosos,

desconfiados, solitários, invejosos e ciumentos. Os quatro humores além de corresponderem a diferentes comportamentos, também estavam associados aos períodos da vida, aos planetas, às estações do ano e aos elementos essenciais. Assim temos: (i) sangue, sangüíneo, infância, Júpiter, primavera, ar; (ii) bile amarela, colérico, adolescência, Marte, verão, fogo; (iii) bile negra, melancólico, maturidade, Saturno, outono, terra; (iiii) linfa, fleumático, velhice, Lua, inverno, água. Ainda de acordo com esta teoria dos humores, a bile negra estaria associada à capacidade de lembrar, “ainda que lembrar ruminando tristes pensamentos” (p.83).

No começo da Idade Média, explica Scliar, aparece o termo *acedia* ou *acídia* (do grego *akedia*, indiferença). Esse sentimento acometia os solitários, deixando-os abatidos, sonolentos, em estado de profunda tristeza e prostração. Acreditava-se que um espírito maligno batizado de demônio do meio-dia trazia a *acedia* que se podia ser uma virtude nas almas nobres, também podia ser expressão do mal. É como se a perda da vontade de viver estivesse associada à recusa de Deus sendo concebida como pecado, portanto, culpa. Nesse sentido, a melancolia estava ligada a uma determinada crença religiosa que concebia o mundo como um lugar infestado por pecados tentadores.

No Renascimento a *acedia* é associada à tristeza que, desde São Paulo, pode ser mundana ou virtuosa. A tristeza mundana é pecaminosa porque está associada aos valores terrenos e desvirtua a alma (*anima curva*). A tristeza virtuosa, por sua vez, serve à inspiração divina e, portanto, conduz à salvação. A melancolia decorrente da tristeza mundana não tem remédio: nesse caso o melancólico só pode ser consolado, jamais curado. Na opinião do suíço Paracelso (c.1493-1541) a melancolia decorria de distúrbios químicos, devendo, portanto, ser corrigida através de substâncias denominadas *contraria*; ele acreditava que o melancólico, ao ser contrariado, ficaria alegre e curado. Ainda segundo seu ponto de vista, a melancolia era mais freqüente em homens do que em mulheres. No entanto, havia discordâncias quanto aos gêneros afetados pela melancolia. Para Bodin, por exemplo, a mulher estaria protegida da melancolia, favorecida por sua fisiologia natural: quente e úmida. O fato é que as controvérsias impulsionaram a investigação sobre a melancolia e seus tratamentos. Um deles, por exemplo, recomendava a terapia do riso. O riso, por ser capaz de sacudir a pessoa, era prescrito ao melancólico como forma de “arrancá-lo à sua passiva (e irritante) mobilidade” (p.113). O importante era sacudir seja através de banhos de água fria, da simulação de que o acometido seria jogado do alto de uma torre, ou de sua colocação em uma espécie de roda giratória. Mas nem sempre a melancolia era vista com maus olhos. A chamada “melancolia

genial” dava poderes extra-sensoriais aos seus portadores, capazes de adivinhar o futuro (p.122).

Muitos anos depois, trazida pelos portugueses, a saudade aportaria no Brasil. E a melancolia? Ficou relegada ao velho mundo? Não é bem assim. Na segunda parte do livro, Scliar explica que a saudade seria a expressão da melancolia ou, nas palavras de Almeida Garrett, de um “desejo melancólico” (p.148). É bem provável que o termo saudade tenha advindo do latim *solitatem*, solidão (p.149). Scliar recorre ao livro de Paulo Prado, *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira* (1928) para pensar sobre a aclimatização da melancolia nos trópicos que seriam tristes justamente devido à diversidade racial. Ou como diz Scliar, Prado “seguia uma vertente tradicional do pensamento político no Brasil, segundo a qual seria o brasileiro fruto dessas três raças tristes, o português, o índio e o africano” (p.198). Por outro lado, Scliar recorre às influências dos imigrantes que, embora “experimentasse(m) tristeza (...) dificilmente se entregaria(m) a ela” (p.201). Scliar parece empreender um esforço demasiado na busca de provas que possam retificar a tese de Prado. Ao desfilar sua coleção de antídotos brasileiros naturais contra a melancolia, Scliar se apropria de estereótipos como o carnaval, o futebol, a alimentação nordestina apimentada, o hábito de consumir caipirinha e o humor banal. Ao fazê-lo, se foge da “ideologia do pessimismo”, corre o risco de pecar por excesso de ufanismo (p.199). Parece razoável afirmar que a melancolia européia possa ter se descaracterizado, aclimatando-se ao calor tropical. É como se por aqui só houvesse tristeza e, não, melancolia. Mas a tristeza não poderia ser um sintoma da melancolia? É mesmo curioso perceber, na última nota do livro, a conclusão de Scliar. Apesar das evidências possíveis de conduzir ao raciocínio contrário, para ele, “a melancolia não parece aqui ter prosperado – apesar da pobreza, apesar do atraso, apesar da corrupção” (p.253). Diríamos até que é justamente por causa da pobreza, do atraso e da corrupção, que a melancolia encontraria terreno fértil para seu desenvolvimento na terrinha *brasilis*. Afinal, parece que a nossa literatura não dá provas do contrário.